
Largo de Jesus: contributo para a história incógnita de Lisboa antiga

MARIA JOÃO SANTOS

R E S U M O

O presente artigo tem como objectivo a divulgação dos resultados da escavação arqueológica de salvaguarda do Largo de Jesus (Mercês, Lisboa) realizada entre 3 de Janeiro e 30 de Maio de 2005. Os trabalhos efectuados permitiram identificar diversas realidades que traçam a história da ocupação desta zona da cidade desde o século XVI, destacando a importância e a responsabilidade que assumem cada vez mais a arqueologia urbana e as intervenções de emergência na reconstituição histórica de Lisboa antiga.

A B S T R A C T

The current paper intends to publish the results of the emergency archaeological digging of Largo de Jesus (Mercês, Lisbon), that took place between 3rd of January and 30th of May of 2005. The accomplished work allowed to identify several archaeological realities that trace the history of this area since the XVIth century, pointing out the importance and the responsibility that assumes the emergency excavations for the historical reconstitution of ancient Lisbon.

A decisão de construção do parque de estacionamento subterrâneo do Largo de Jesus (Mercês, Lisboa: Fig. 1), de iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa e em regime de cedência do direito de superfície para concepção, construção e exploração pela ESLI, motivou a realização de uma intervenção de salvaguarda, prévia ao início da obra, numa área que, logo à partida, enquanto o centro histórico da freguesia das Mercês, enquadrado pela Igreja de Nossa Senhora de Jesus, o Convento de Jesus, o Palácio Mendia, o Palácio dos Alcáçovas e o Liceu Passos Manuel, se apresentava como potencialmente rica em vestígios arqueológicos e elementos patrimoniais.

Nada se conhece sobre esta zona durante a época romana e o período medieval, sendo no entanto de supor, pelos registos que conhecemos posteriormente, tratar-se de uma zona erma. É, no entanto, a partir do século XVI que começam a surgir mais referências a esta zona da cidade, ao que tudo indica, na sequência do mesmo processo de povoamento que a partir de 1597 fixa a urbanização do Bairro Alto (Silva e Guinote, 1998, p. 52). Esta zona era então conhecida como *Largos dos Cardais* (Figueiredo, 2001, p. 30), um sítio “de cardos, inculto”, onde existia uma pequena ermida, doada em 1582 por Luis Rodrigues à Ordem Terceira de S. Francisco, que empreende a construção de um pequeno *hospitium* no local, que será progressivamente ampliado e remodelado, com a edificação do espaço conventual e da capela-mor, ainda hoje existentes (Araújo, 1993, p. 39).



Fig. 1 Localização da área intervencionada no Largo de Jesus, assinalada pelo círculo.



Fig. 2 Planta da freguesia de Nossa Senhora das Mercês no último quartel do século XVIII, após a remodelação paroquial de 1770 (in Santana, 1969, p. 6). O quadrado a branco assinala a área do actual Largo de Jesus, sendo visível, no espaço fronteiro à fachada do Convento de Jesus (destacado com a letra C), o que parece ser a escadaria do adro da sua igreja.



Fig. 3 Gravura anónima do Largo de Jesus apresentando a antiga configuração (in Figueiredo, 2001).

O Largo de Jesus, propriamente dito, talha-se nos *Cardais de Jesus* a partir de 1771 (Fig. 2), tendo sido alvo de sucessivas remodelações entre 1767 e 1771 (Santana, 1969, p. 22-24). Segundo Araújo (1993, p. 40), sabemos ainda que existia, no espaço fronteiro à actual escadaria da igreja, “um adro muito extenso, adornado com volutas laterais, levantadas no murete, enfrentado por sete degraus de pedra circular e rodeado de frades de pedra”, onde até 1873 se realizou a “praça do leite” (Fig. 3), após o que foi desmontado atendendo às novas exigências de trânsito.

A intervenção realizada não só permitiu a identificação do enquadramento estrutural do antigo largo descrito por Araújo, como trouxe também novos elementos para a história da ocupação deste sítio, até agora desconhecidos.

1. A intervenção arqueológica

Como estratégia de intervenção, optámos pela abertura inicial de uma sondagem com 20 m x 4 m, paralela à fachada da Igreja de Jesus e imediatamente contígua ao primeiro lance de escadas do adro, considerando-se esta área como a mais sensível na detecção de eventuais contextos de enterramento. Foram igualmente abertas três outras sondagens, perpendiculares à primeira e com as dimensões de 10 m x 3 m, com o intuito de aferir a evolução estratigráfica desta zona no máximo de extensão possível (Fig. 4), tendo-se tornado pertinente a dado momento, a escavação em área, como única forma de perceber a articulação do conjunto arqueológico.

Após a remoção das unidades estratigráficas superficiais correspondentes à deposição de terras para o nivelamento do terreno que antecedeu a construção do segundo lance da escadaria do adro — U.E. [1] e [2] —, foram identificadas diversas outras unidades de complanação, algumas das



Fig. 4 Implantação das quatro sondagens iniciais e das duas valas de prospeção, abertas na Sondagem I, antes do início da escavação em área.



Fig. 5 Aspecto geral da configuração do antigo Largo, visto de Sul.



Fig. 6 Configuração antiga do Largo de Jesus vista de Este.

quais evidenciando uma elevada compactação devido à forte pressão a que foram sujeitas durante os trabalhos de remodelação do Largo. É, no entanto, de destacar a identificação de abundantes ossos humanos, desconexos, muito fragilizados e correspondendo a vários indivíduos em duas destas unidades superficiais — U.E. [15] e [35] —, depositadas imediatamente sob as U.E. [1] e [2]. As características e componentes destas unidades, idênticas às verificadas nos níveis de enterramento existentes no pátio sul da zona conventual actualmente adscrita à Academia das Ciências, intervencionada em 1995, indicam, todavia, que poderão corresponder a terras provenientes de sepulturas do interior da igreja ou do espaço conventual, depositadas na sequência de quaisquer trabalhos de remodelação interna que antecederam a construção da actual escadaria.

A remoção destas unidades permitiu a identificação de um amplo pavimento de calçada e do que, à partida, pareciam ser três estruturas distintas em alvenaria pobre de pedra calcária e argamassa de cal e areão, respectivamente, no canto NW — U.E. [30] e — e no canto NE da área de escavação — U.E. [22] e [53] —, que o progredir dos trabalhos viria a tornar claro fazerem parte de um mesmo complexo construtivo, correspondente à descrição da antiga disposição do Largo que nos é transmitida por Araújo (1993, p. 40).

Trata-se de uma construção de planta linear semi-helicoidal, desenvolvida paralelamente ao adro da Igreja e cujas extremidades E e W apresentam uma configuração subquadrangular boleada, de onde parte, por sua vez uma segunda estrutura de planta idêntica, mais pequena, o que confere a estes pontos de junção, nas extremidades, a aparência de “volutas”, como Araújo descreve (Figs. 5, 6 e 7). Embora o topo se apresente muito destruído e desagregado, distingue-se clara-



Fig. 7 Planta da configuração antiga do Largo de Jesus.

mente nos sectores melhor conservados e imediatamente sob o pano de assentamento do segundo lance de escadas do adro. Pudemos, assim, logo numa primeira etapa dos trabalhos, confirmar a descrição do antigo largo, inteiramente coincidente com uma antiga gravura do local.

A desmontagem do pavimento de calçada permitiu a identificação de uma nova sequência de unidades de depósito, correspondentes desta vez, ao nivelamento do terreno para o assentamento daquela realidade. A componente artefactual incorporada na maioria destas unidades é, consequentemente, muito residual e, quando presente, caracteriza-se por fragmentos ou muito rolados ou de pequena dimensão sobretudo no que diz respeito à cerâmica comum, sendo de facto a cerâmica de construção mais representativa.

As três unidades que, neste conjunto, se distinguem são as U.E. [27], [44] e [37], envolvendo nódulos de argamassa de cal e areão, resíduos de carvão, restos faunísticos e abundantes fragmentos de cerâmica doméstica, com particular destaque para a cerâmica comum, sendo a cerâmica vidrada e sobretudo a faiança muito residuais, com produções situáveis entre os séculos XVII e XVIII. É, no entanto, igualmente observável, nas U.E. [27] e [44], a presença de material osteológico humano, desconexo e fragmentado, testemunho do elevado grau de revolvimento que caracteriza estas unidades.

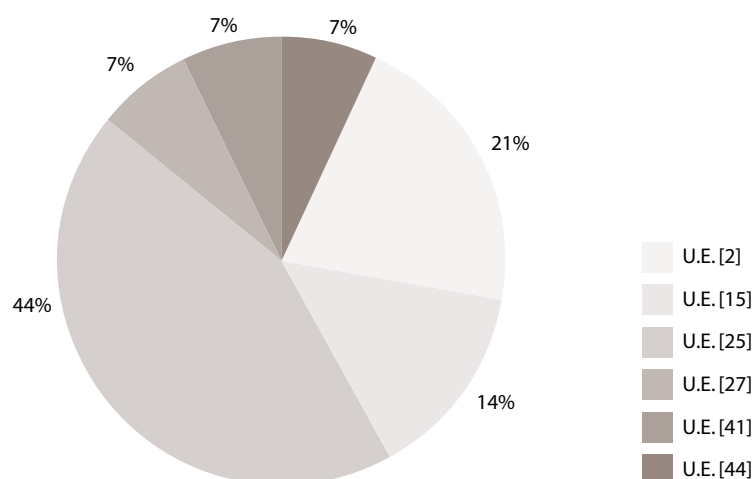
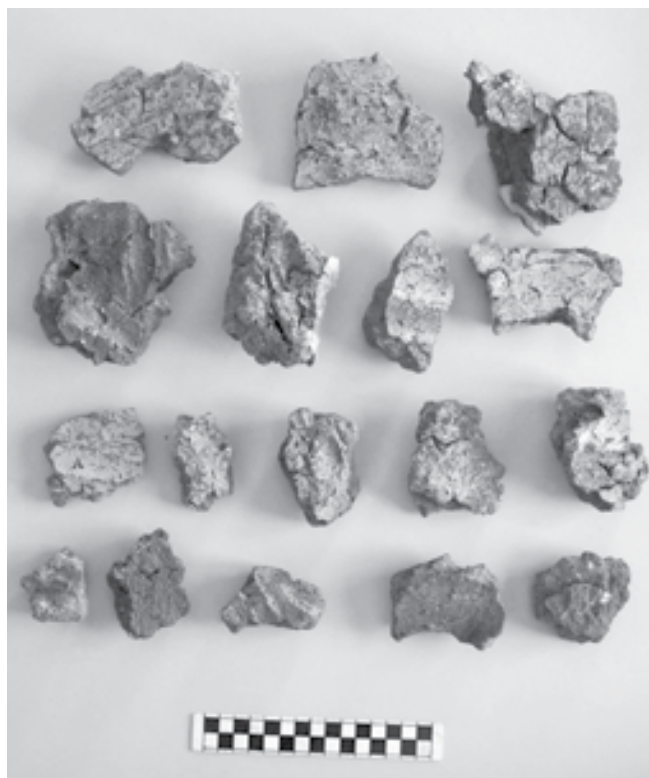


Fig. 8 Gráfico da representatividade quantitativa de restos osteológicos humanos.

A progressiva remoção deste conjunto estratigráfico veio a demonstrar a acentuada inclinação natural do terreno para Este e diversos outros níveis de depósito que seguiam já o declive, distinguindo-se três unidades que parecem denunciar episódios de incêndio, com uma componente artefactual situável entre a segunda metade do século XVII e a segunda metade do século XVIII, sendo tentador correlacioná-los com os incêndios deflagrados durante o terramoto de 1755. A U.E. [73], constituída por um espesso aglomerado de resíduos de carvão e as U.E. [59] e [64], incorporando igualmente abundantes carvões, cinzas e madeira carbonizada.

A continuidade da escavação destas unidades permitiu identificar um novo conjunto de níveis de depósito, em que camadas de compactação argilosa, sem componente artefactual ou constituídas por grandes aglomerados de elementos pétreos de pequena granulometria e fragmentos de cerâmica de construção e comum — U.E. [60], [61], [91], [92], [99], [112], [114], [115] e [120] — alternam com unidades constituídas por grandes concentrações de resíduos de carvão e cerâmica doméstica, muito fragmentada, desconexa e em que domina a cerâmica comum do século XVII — U.E. [94], [109], [110], [111] e [119].



Figs. 9 e 10 Aspecto da U.E. [208], sendo visíveis à superfície os fragmentos de grelha e de revestimento de forno, à direita, e exemplares de revestimento interno de forno de cerâmica exumados nesta unidade, à esquerda, respectivamente.



Fig. 11 Exemplos de trempes de suporte de cozedura de recipientes recuperados na U.E. [208].



Fig. 12 Planta geral do complexo construtivo seiscentista, sucessivamente sectionado por infra-estruturas de saneamento.

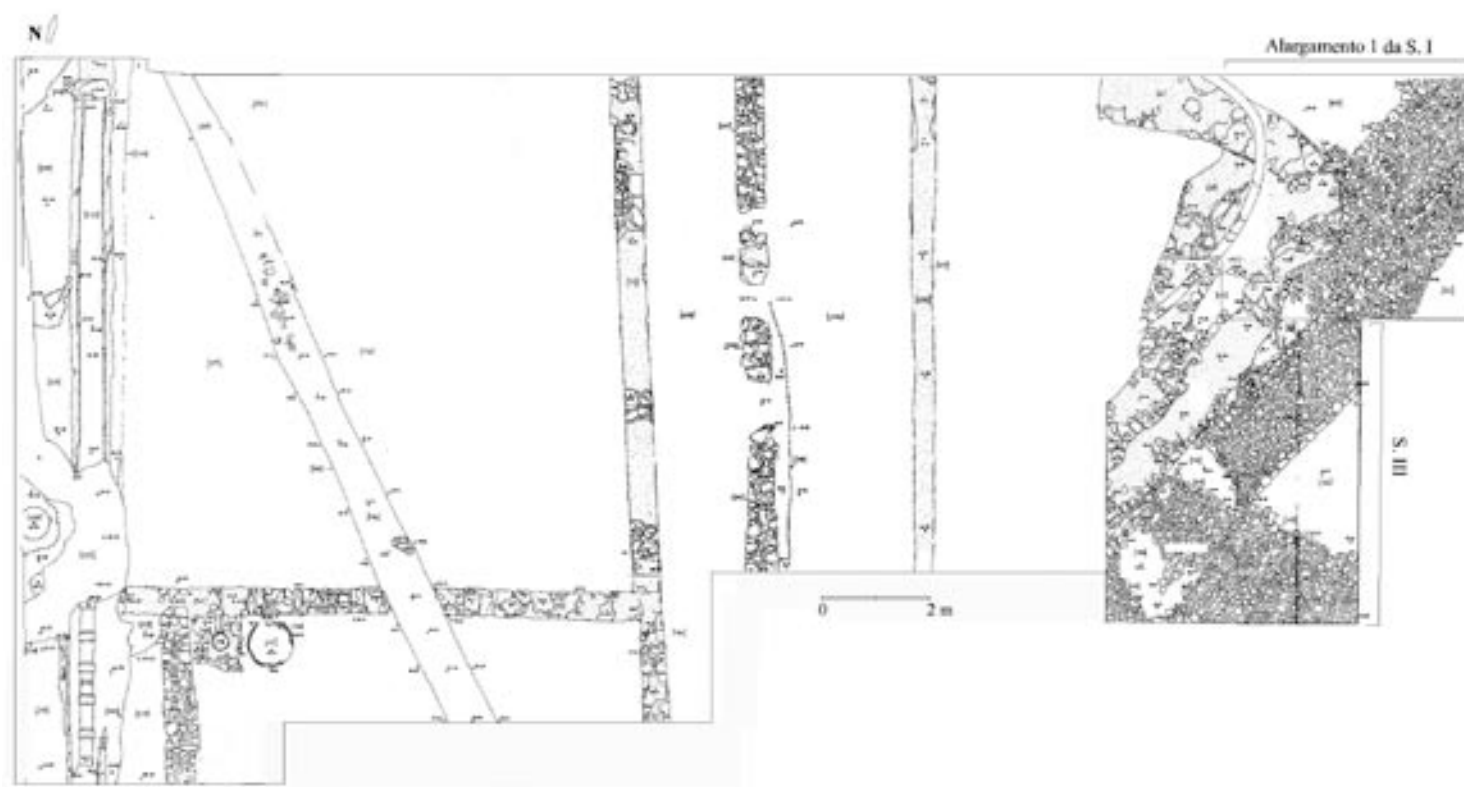


Fig. 13 Pormenor da planta geral do complexo construtivo seiscentista.

Todos estes níveis de depósito se sobrepõem ou confrontam entre si, registando-se como única perturbação visível, a abertura, em momento indeterminado, de uma vala sub-rectangular e de sentido N-S — U.E. [69] —, cujo preenchimento — U.E. [68] — uma vez removido, colocou parcialmente a descoberto uma estrutura em alvenaria pobre de pedra calcária e argamassa de cal e areão — U.E. [70] —, de sentido N-S e claramente anterior ao pavimento de calçada, assente directamente sobre níveis sedimentares do Aquitaniano (U.E. [75], [103] e [113]). A sua aparente continuidade para sul ditou a abertura da segunda sondagem prevista e pôde ser efectivamente observada com o prosseguimento dos trabalhos de escavação em área, após a abertura da Sondagem III e da Sondagem IV que permitiram a sua melhor contextualização¹.

Confrontando com esta estrutura — U.E. [70] —, foi identificada a U.E. [208] (Fig. 9), constituída por um grande aglomerado de fragmentos de cerâmica de construção muito fragilizados e de porções de revestimento interno e de grelha de forno cerâmico, envolvendo abundantes fragmentos de chacota e trempes de suporte de cozedura (Figs. 10 e 11), parecendo tratar-se do resultado da demolição de estruturas de uma eventual oficina oleira situada no local ou nas suas proximidades, cuja presença é aliás sugerida pelo elevado número de trempes que pudemos registar em várias das unidades de depósito sob o pavimento de calçada. Igualmente neste sentido, aponta a notícia da existência de várias olarias sedeadas nesta zona e nas áreas limítrofes da freguesia (Neto, 1967, p. 80-82).

A escavação em área permitiu não só expor a totalidade das estruturas do antigo Largo como perspectivar a articulação entre as diferentes realidades arqueológicas já parcialmente identificadas. Com a remoção das unidades subjacentes ao pavimento do antigo Largo, tornou-se clara a continuidade para sul da U.E. [70], parcialmente reutilizada como base de assentamento das estruturas do antigo Largo e que se revelou integrar a estrutura de alicerce de um grande complexo construtivo de planta sub-rectangular, definindo, com as U.E. [160] e [230], três compartimentos e testemunhando uma ocupação anterior (Figs. 12, 13, 14 e 15).



Fig. 14 Aspecto geral dos três níveis de alicerces do complexo seiscentista (U.E. [70], [232] e [233]).

No quadrante SW desta edificação — seccionado pela vala de implantação de um sistema de esgoto em betão recente e pela vala de implantação de um sistema de saneamento antigo em caixa de alvenaria, que antecedeu a pavimentação do antigo largo² —, registou-se ainda, adossado às estruturas de alicerce (U.E. [160] e [230]), um pequeno pano de alvenaria pobre e de planta subquadrangular (U.E. [239]), que envolvia a parte superior de um grande contentor cerâmico de armazenamento (U.E. [163]). Esta estrutura de contenção (U.E. [239]), constituída por pedra calcária de pequena e média dimensão, tijolo de burro e argamassa de cal e areão, foi ajustada à talha (U.E. [163]), prolongando e elevando o seu bordo em cerca de 40 cm, através de revestimento de barro, até à altura conservada das estruturas de alicerce.



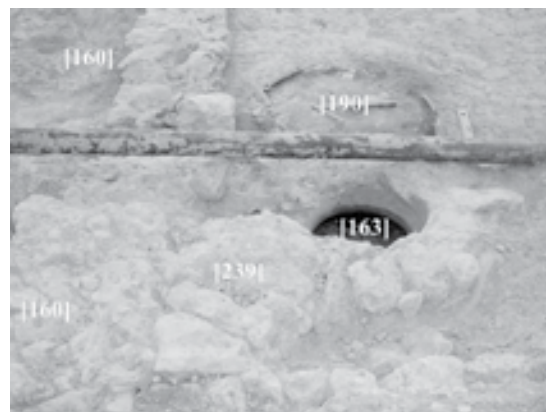
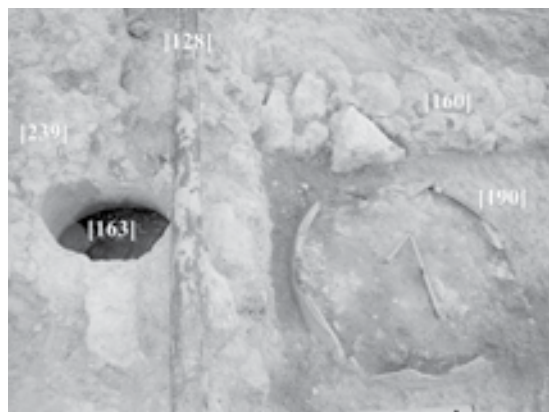
Fig. 15 Planta geral do complexo construtivo, destacando-se o seu alinhamento em relação ao actual edifício do Palácio Mendia, visível ao fundo.

Paralelo e imediatamente contíguo a esta talha, foi identificado um outro contentor (U.E. [190]), encontrando-se o seu topo muito destruído, não sendo por isso possível observar o sistema de integração na estrutura (Figs. 16 e 17), que, no entanto, devemos supor idêntico, conforme autoriza o aglomerado de fragmentos de tijolos de burro e porções de argamassa de cal e areão agregada ao revestimento de barro que o preenchia, semelhante ao observado no prolongamento do bordo da U.E. [163].

Ainda no quadrante SW e justaposta ao alçado W da U.E. [230], foi exposta uma pequena secção de pavimento muito destruído (U.E. [229]), apenas identificável pela presença dos negativos do revestimento de tijoleira impressos na argamassa de base e que poderemos considerar como um dos pisos deste complexo construtivo.

Uma das particularidades deste grande complexo habitacional, foi a possibilidade de documentar o processo de integração das duas talhas no âmbito funcional da estrutura, posicionados num dos cantos do compartimento sul e cuja abertura se situaria sensivelmente ao nível do piso em uso (Figs. 18, 19 e 20). O seu modo de implantação — observável sobretudo no exemplar melhor conservado (U.E. [163]) — terá determinado, numa primeira fase, a escavação de uma grande vala de implantação, após o que se terá procedido à consolidação e impermeabilização do substrato argiloso, através do seu endurecimento por acção do fogo a céu aberto, resultando na superfície de argila vermelha que identificámos como U.E. [218] (Fig. 21). Numa segunda fase, terá sido depositada parte do substrato geológico removido (que, efectivamente, nesta área, denuncia revolvimento) na vala, deixando espaço suficiente apenas para a descida de ambas as talhas, depositadas cada uma sobre um tijolo de burro isolado, sendo então o espaço livre entre ambas e a unidade depositada preenchido com uma unidade distinta (U.E. [210]), o que explica a pronunciada estreiteza da aparente vala de implantação (Fig. 22). Por fim, e numa última fase, ter-se-á procedido à sua incorporação no pano de alvenaria que confronta com as paredes do edifício.

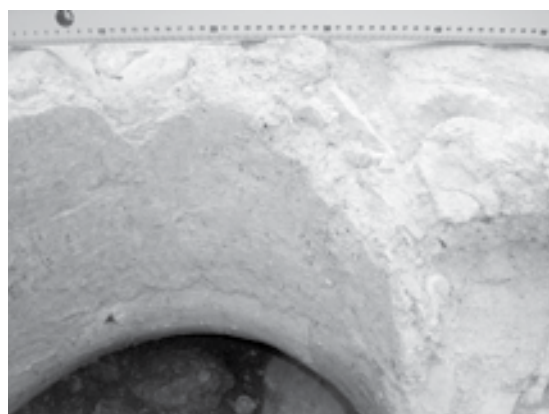
Estas realidades parecem distinguir este compartimento — definido pelas U.E. [160], [173] e [230] — como uma zona especializada de serviços, de armazenagem ou de cozinha, enquadrada no piso térreo da habitação.



Figs. 16 e 17 Pormenor do sistema de integração das duas talhas no complexo construtivo. Os números entre parênteses identificam as unidades estratigráficas.



Fig. 18 Aspecto do perfil da U.E. [163].



Figs. 19 e 20 Pormenores da adaptação do recipiente de armazenamento, na sua integração da estrutura seiscentista.



Fig. 21 Aspecto da superfície de argila endurecida (U.E. [218]) sobre a qual foram colocadas as talhas.

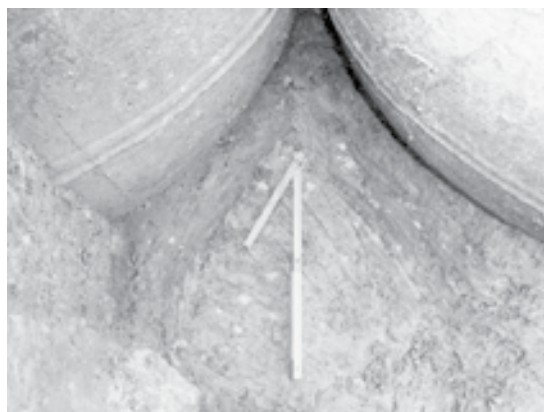


Fig. 22 Pormenor da simetria das duas talhas e do preenchimento da sua aparentemente estreita vala de implantação.

No sector Este da área de intervenção, a remoção da U.E. [208] revelou, por sua vez, duas grandes unidades de derrube — U.E. [93] e [209] —, sob as quais pudemos identificar duas novas estruturas de alicerce, situados a uma cota muito mais inferior do que a U.E. [70], mas paralelas a esta e igualmente implantados sobre o substrato geológico, denunciando não obstante um elevado grau de destruição (U.E. [232] e [233]). Quer as suas características construtivas; quer a sua disposição, claramente paralela às U.E. [70] e [233]; e implantação, directamente sobre o mesmo substrato geológico, apontam como muito provável que, ambas estas estruturas, tenham originalmente integrado o mesmo complexo construtivo. A pronunciada diferença de cota registada entre estas e as outras realidades construtivas, pode ser facilmente explicado pelo facto de se situarem precisamente na zona de pronunciado declive, tendo sido necessário implantar os alicerces mais fundo nesta área, de modo a nivelar a edificação.

A presença e o tipo de implantação destas talhas, assim como as características construtivas das estruturas colocadas a descoberto sob o pavimento do antigo largo³, denuncia estarmos perante os alicerces de um complexo habitacional seiscentista e, atendendo às suas grandes dimensões, de provável carácter senhorial (Silva e Guinote, 1998, p. 56).

É, a este título, interessante notar que é justamente a partir do terramoto de 1597 e ao longo de todo o século XVII que é construída a maior parte dos palácios no Bairro Alto. Igualmente notório é o facto de o actual Palácio Mendia, cuja fachada E confina com o Largo de Jesus, se encontrar perfeitamente enquadrado na planta ortogonal de todo este complexo, estando o seu cunhal SE alinhado e quase em contacto com o prolongamento da U.E. [160], conforme observado no posterior acompanhamento arqueológico dos trabalhos de construção do parque de estacionamento subterrâneo projectado. Ambos estes aspectos nos levam a colocar a hipótese de este complexo construtivo se relacionar efectivamente com o actual palácio, correspondendo à sua primitiva configuração, posteriormente remodelada.

2. A componente artefactual

No que toca à componente artefactual recuperada, é, desde logo, manifesta a ausência de um único exemplar inteiro, dominando a extrema fragmentação das peças.

2.1. Cerâmica comum

Nos recipientes de cerâmica comum, a quase totalidade dos exemplares recuperados corresponde a fabricos de Lisboa, predominando as pastas vermelhas e as superfícies com aguada, de tonalidade idêntica à pasta ou ligeiramente mais escura, mas sempre pouco espessa.

As formas mais recorrentes, situáveis na generalidade, entre o final do século XVI e o início do século XVIII, são os tachos de bordo de secção subcircular, levemente exvasado e asas laterais subtriangulares com arranque a partir do bordo, paredes rectas e fundo plano; os testos de bordo de secção subtriangular exvasado; as bilhas e cântaros de bordo com secção sub-triangular, levemente exvasado ou quase recto e boleado, delimitado no exterior por uma sucessão de duas a três estrias paralelas; as infusas de colo estrangulado e bordo introvertido, com fundo destacado e estrangulado na direcção da base; os fragmentos de fogareiros sem qualquer evidência de uso; e as escudelas de bordo em aba, exvasado e boleado e fundo côncavo em resalto (Figs. 23, 24 e 25).

Menos comuns são os púcaros e pucarinhas de paredes finas, pastas depuradas, de tonalidade vermelha e com profusa decoração impressa e moldada, de feição tendencialmente geométrica, típicos do século XVI (Fig. 26) e outros fabricos como os recipientes com decoração geométrica recortada ou incisa ou ainda incrustada de pequenos elementos calcários, lembrando as produções tradicionais da região de Nisa.



Figs. 23 e 24 Fragmentos de bilha e infusa em cerâmica comum. Século XVII.



Fig. 26 Fragmentos de recipientes de cerâmica fina. Século XVII (U.E. [110]).

Fig. 25 Exemplos de bordos de panelas e cântaros. Século XVII (U.E. [110]).

2.2. Cerâmica vidrada

A cerâmica vidrada é também representada por produções locais, geralmente sem decoração e situáveis na sua maioria entre o início do século XVII e o início do século XVIII. A forma mais comum, é, sem qualquer dúvida o alguidar, de bordo em aba espessa muito extrovertida ou enroscado e levemente exvasada, fundo plano, paredes convergentes e vidrado de chumbo verde ou melado. Menos recorrentes são as saladeiras, tachos e caçoilas, os potes de asas fitiformes ou sub-circulares com dorso estriado, de fundo plano e bordos que podem variar entre a aba estreita e exvasada e a secção subcircular, levemente extrovertida, sendo o vidrado em tons melados, verde ou melado irisado de verde (Figs. 27 e 28).



Figs. 27 e 28 Fragmentos das formas mais comuns de recipientes em cerâmica vidrada. Séculos XVII-XVIII (U.E. [59]).

2.3. Faiança

No que toca à faiança, dominam as produções de Lisboa monocromáticas, situáveis entre o século XVII e a primeira metade do século XVIII e caracterizadas por pastas de tom amarelo, predominantemente depuradas. Embora se registem fabricos mais recentes de pleno século XVIII/início do século XIX, representados pelas faianças de vidrado azul, decoradas com motivos vegetalistas e/ou geométricos a azul mais escuro e/ou a branco e pelas faianças de vidrado branco espesso sem decoração, são sobretudo comuns os fabricos lisboetas do final do século XVI, início do século XVII, correspondentes a fragmentos de pratos, malgas, saladeiras e travessas.

Deste conjunto, podemos distinguir três subgrupos. O primeiro, caracterizado por uma decoração simples e de feição geométrica, a azul, geralmente duas bandas horizontais, imediatamente sob o bordo na superfície interna e na transição para o fundo, no qual é por vezes representada uma espiral ou um círculo concêntrico (Figs. 29, 30, 31 e 32). O segundo grupo distingue-se pela conjugação da decoração geométrica linear com gramáticas vegetalistas, formando composições mais elaboradas que, normalmente, preenchem toda a superfície interna — e por vezes, externa — do recipiente, a pinceladas grossas (Figs. 33, 34, 35, 36, 37 e 38). Finalmente, o terceiro grupo, por fim, destaca-se dos anteriores pela sua gramática decorativa naturalista, de inspiração oriental e formando frequentemente ricos motivos florais e zoomórficos (Figs. 39, 40, 41 e 42).



Figs. 29 e 30 Fragmento de malga em faiança do século XVI (U.E. [208]).



Figs. 31 e 32 Fragmentos de bordo e fundo de malgas do século XVI (U.E. [209]).



Figs. 33 e 34 Fragmentos de saladeira e malgas do século XVII (U.E. [191]).



Figs. 35 e 36 Fragmento de malga do século XVII (U.E. [59]).



Figs. 37 e 38 Fragmentos de pratos fundos ou saladeiras. Século XVII (U.E. [59]).



Figs. 39 e 40 Fragmentos de pratos em faiança do século XVII (U.E. [59]).



Figs. 41 e 42 Fragmentos de bordo de travessa. Século XVII (U.E. [59]).

Em qualquer um destes três subgrupos, estão presentes as características pinceladas diagonais na superfície externa, em número geralmente não inferior a três (Silva e Guinote, 1998, p. 107-109), formando por vezes, desenhos oculares, que caracterizam as produções de Lisboa. As pastas são, geralmente, depuradas e homogêneas, com tons que oscilam entre o amarelo-esbranquiçado e o amarelo vivo; registam-se como formas mais representativas, os pratos de fundo de base anelar e bordo recto, os grandes pratos fundos ou saladeiras de base anelar, as malgas de bordo vertical e perfil semiglobular, de pé anelar e as travessas de fundo anelar e bordo em aba, muito extrovertido e frequentemente recortado.

2.4. Porcelana

A ocorrência de fragmentos de recipientes em porcelana é manifestamente pouco representativa em todas as unidades estratigráficas identificadas, caracterizando-se sobretudo por produções nacionais situáveis no século XVIII, em que dominam os pratos e as tigelas com decorações naturalistas ou florais monocromáticas a azul, registando-se ainda fragmentos de chávenas, jarros e outros elementos decorativos, de que é exemplo uma tampa hexagonal de caixa. Distinguem-se ainda alguns exemplares de porcelana chinesa decorada a azul e com marca de fabrico (Fig. 43).



Fig. 43 Fragmentos de diversos recipientes dos séculos XVII-XVIII (U.E. [110]).

2.5. Vidro

Os elementos em vidro recuperados correspondem, na sua maioria, a vidros antigos situáveis entre o final do século XVI e o século XVII, muito fragilizados e de pasta irisada e escamosa, de que são exemplos os fragmentos de garrafas incolores e os gargalos de pequenos frascos de colo tubular e bordo em aba plana exvasada, simples ou irisado (Fig. 44).

2.6. Componentes de mobiliário e outros elementos

Foi possível identificar ainda diversos componentes de mobiliário, como tachas em cobre, usadas para a fixação de estofos em couro a determinadas peças de mobiliário, elementos de puxadores em ferro e “cunhas” em osso, facetadas e utilizadas nas juntas de peças de mobiliário (Fig. 45), assim como pequenos elementos decorativos zoomórficos igualmente talhados em osso (Figs. 46 e 47). A presença destes



Fig. 44 Fragmentos de diversos recipientes em vidro. Século XVII (U.E. [59]).



Fig. 45 Componentes de mobiliário em osso (U.E. [59]).



Fig. 46 Fragmento de elemento decorativo em osso (U.E. [84]).



Fig. 47 Fragmento de elemento decorativo em osso (U.E. [84]).



Fig. 48 Elemento de toucador em osso (U.E. [64]).

elementos em unidades de depósito e a continuidade do seu uso e, por vezes, mesmo do seu aspecto formal desde o século XVII, não permite, todavia, uma contextualização cronológica mais precisa. É, da mesma forma, difícil de situar os pequenos elementos de toucador em osso, embora para estes seja de supor a sua integração nos séculos XVI-XVII (Fig. 48).

3. Considerações finais

Os trabalhos efectuados permitiram identificar a evolução da dinâmica de ocupação desta zona particular da cidade de Lisboa, desconhecida até ao momento, e que pôde registar no local a existência de uma ampla moradia senhorial do período compreendido entre o final do século XVI e o século XVII, na sequência do processo urbanístico que a partir de 1597 fixa o Bairro Alto e cujas evidências sugerem tratar-se da primitiva configuração do actual Palácio Mendia.

Foi possível, da mesma forma, registar a existência no local, de uma antiga olaria, através dos vestígios da sua destruição, cuja componente artefactual nos autoriza a situar na segunda metade do século XVII.

Pudemos igualmente observar a sucessão estratigráfica de sucessivas destruições e remodelações do espaço do antigo Largo até assumir a actual configuração, esboçando, desta forma, mais um pequeno contributo para o conhecimento da história incógnita de Lisboa.

NOTAS

- ¹ Efectuou-se, paralelamente, na Sondagem I, a abertura de duas valas de prospecção estratigráfica, com 1 m de largura por 4 m de comprimento — Vala de Prospecção 1 (VP1) e Vala de Prospecção 2 (VP2) —, posicionadas, respectivamente, nos sectores E (na área de declive registada) e W (justaposta ao alçado W da U.E. [70]), no sentido de perceber a evolução estratigráfica destas áreas.
- ² Talvez integrado no mesmo projecto de remodelação da zona, conforme indica o conjunto conservado e isolado de três pedras do pavimento de calçada — U.E. [228] —, ligadas por argamassa à única laje de cobertura conservada deste sistema de saneamento, posteriormente reaproveitado para a instalação de uma conduta de abastecimento de água do Hospital de Jesus, tendo para isso, sido levantado o pavimento de calçada e removidas as suas primitivas lajes de cobertura, o que explica a ausência de calçada em toda esta zona.
- ³ Muito embora não incluam grade de estacaria de madeira no seu alicerce (Silva e Guinote, 1998, p. 53).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, N. (1993) - *Peregrinações em Lisboa, Livro V*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.
- FIGUEIREDO, P. (2001) - *Mercês: a freguesia na História*. Lisboa: Junta de Freguesia das Mercês.
- HARRIS, E. (1989) - *Princípios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Crítica.
- NETO, M. de L. A. C. (1967) - *A Freguesia de Nossa Senhora das Mercês de Lisboa no primeiro quartel do século XVIII: ensaio de demografia histórica*. Lisboa: Centro de Estudos Demográficos.
- SANTANA, F. (1969) - A Freguesia de N.ª S.ª das Mercês de Lisboa no tempo de Pombal. *Revista Municipal*. Lisboa. 120-121, p. 28.
- SILVA, R. B.; GUINOTE, P. (1998) - *O quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

